

RELAÇÃO ENTRE ALEGRIA E APRENDIZAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE ESPINOSA E VYGOTSKY

FÁTIMA MARIA ARAÚJO BERTINI *

DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.52521/CONATUS.V17I28.16992](https://doi.org/10.52521/conatus.v17i28.16992)

A ALEGRIA ESPINOSANA

Espinosa, considerado o filósofo da Alegria, acreditava no alcance da felicidade, uma vez que esta pode ser alcançada pelo ser humano a partir da compreensão do lugar na ordem natural no exercício de também compreender pela razão os seus próprios afetos de maneira adequada. A alegria, para o filósofo, é o aumento da perfeição, portanto, o aumento da existência, da potência do ato e do pensamento. Juntamento com o sentimento de eternidade e união com Deus, agimos no conhecimento intuitivo do terceiro gênero, daí a felicidade. Paula (2017) cita uma comunicação de Espinosa com Willen van Blijenbergh: “[...] eu gozo e busco passar a vida, não na aflição e no lamento, mas na tranquilidade, na alegria e no contentamento, com o que ascendo um grau mais” (*Ep* 21, G IV, 127). O autor coloca que Espinosa vivia aquele momento em meio à guerra e à praga e, ainda assim, optava por buscar viver a alegria e o contentamento, sendo a sua luta e resistência.

A busca pela alegria, por Espinosa, torna-se a busca pela evitação do que lhe levava à infelicidade que a incerteza do bem incerto e da superstição, do medo e a tristeza, o que resulta da escolha do bem incerto. (Breve Tratado e Tratado da emenda do Intelecto):

Depois que a experiência me ensinou ser vãs e fúteis todas as coisas o que ocorre frequentemente na vida comum, e vi que todas as coisas que temia e me fazia temer não tinham em si nada de bom nem de mau, a não ser enquanto o ânimo é movido por elas, decidi enfim perguntar se haveria algo que fosse um verdadeiro bem e pudesse comunicar-se, e

que, rejeitados todos os outros, fosse o único a afetar o ânimo. Mais ainda, se haveria algo que, descoberto e adquirido, fizesse-me fruir para sempre uma alegria contínua e suprema (TIE §1)

Desde antes da *Ética* e já a preparando, Espinosa diz no *Tratado da Emenda do Intelecto* sobre o caminho da alegria, sendo esta o desejo da existência de todos nós enquanto positividade de existência, enquanto permanência na vida e busca de expansão. Esta é a busca por um intelecto perfeito que leva a perfeição da mente. Para Espinosa, perfeição é o mesmo que realidade, portanto, potência, existência. (E2Def.6).

A busca desse bem verdadeiro apontado no tratado da Emenda do Intelecto é tal que de um lado e de outro todos nós tentamos considerar como sendo a alegria, considerando a busca incessante de aumento de potência do corpo e da mente para a existência.

Apesar dos bens incertos serem sempre presentes, Espinosa propõem essa busca do bem verdadeiro e afirma ser possível na leitura da *Ética*. Cito Espinosa E5P4S:

Não há nenhuma afecção do Corpo de que não possamos formar um conceito claro e distinto.

E, desta maneira, todos os apetites ou Desejos são paixões apenas enquanto se originam de ideias inadequadas; ao passo que os mesmos são associados à virtude quando excitados ou gerados por ideias adequadas. Com efeito, todos os Desejos pelos quais somos determinados a agir podem originar-se tanto de ideias adequadas quanto de inadequadas (ver prop. 59 da parte IV). E (para voltar ao ponto de onde fiz a digressão) não se pode excogitar para os afetos nenhum outro remédio, que dependa de nosso poder, mais excelente do que este que consiste no conhecimento verdadeiro, visto que não se dá nenhuma outra potência da Mente além da de pensar e formar ideias adequadas, como mostramos acima (pela prop. 3 da parte III).

* Doutora em Psicologia Social pela (PUC/SP). Mestre em Psicologia pela UFC. Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

A capacidade de todos nós de reordenarmos os nossos afetos e resinificá-los nos levando a uma ideia adequada do que nos acontece é o que Espinosa nos fala quando nos diz quando explica-nos que não há nenhuma afecção do corpo sobre a qual a mente não possa formar uma ideia clara e distinta – (E5P4) “Não há nenhuma afecção do Corpo de que não possamos formar um conceito claro e distinto.”

Essa garantia, Espinosa nos dá na *Ética* V, quando nos diz que quando entendemos clara e distintamente os nossos afetos e a nós mesmos mesmos, as imagens das coisas podem se referir a Deus (E5P15): “Quem intelige clara e distintamente a si e a seus afetos ama a Deus, e tanto mais quanto mais intelige a si e a seus afetos”. E em (E5P15D)

Quem intelige clara e distintamente a si e a seus afetos alegra-se (pela prop. 53 da parte III), e isso conjuntamente à ideia de Deus (pela prop. preced.); e, assim (pela 6^a def. dos Afetos), ama Deus, e (pela mesma razão) tanto mais quanto mais intelige a si e a seus afetos.

Para Espinosa, a felicidade consiste na virtude de manter-se forte, ativo e livre para conseguirmos moderar as nossas paixões, conseguirmos ter uma imagem clara e distinta do que nos acontece, tem a ideia de Deus como causa, se alegra. Conhecer a causa das nossas paixões e referir as nossa ideia tendo deus como causa é se alegrar é levar a mente a um conhecimento ativo da compreensão das próprias afecções do corpo. Cito (E5P16) “Este Amor a Deus deve ocupar a Mente ao máximo.” (E5P16D): “Com efeito, este Amor é unido a todas as afecções do Corpo (pela prop. 14 desta parte), por todas as quais é fomentado (pela prop. 15 desta parte); por isso (pela prop. 11 desta parte) deve ocupar a Mente ao máximo”. Nesta parte da *Ética*, Espinosa nos fala da Suma Alegria, que é na demonstração da proposição 27 (E5,P27D):

A suma virtude da Mente é conhecer Deus (pela prop. 28 da parte IV), ou seja, inteligir as coisas pelo terceiro gênero de conhecimento (pela prop. 25 desta parte); virtude que decerto é tanto maior quanto mais a Mente conhece as coisas por esse gênero de conhecimento (pela prop. 24 desta parte); e por isso quem conhece as coisas por esse gênero de conhecimento passa à suma perfeição humana e, consequentemente

(pela 2^a def. dos Afetos), é afetado pela suma Alegria, e isso (pela prop. 43 da parte II) conjuntamente à ideia de si e de sua virtude, e portanto (pela 25^a def. dos Afetos) desse gênero de conhecimento origina-se o sumo contentamento que pode ser dado.

Esse maior contentamento é o que Espinosa nos diz no Escólio da Proposição 31 da mesma parte V da *Ética* (E5P31S): “Assim, quanto mais cada um é forte neste gênero de conhecimento, tanto mais é consciente de si e de Deus, isto é, tanto mais é perfeito e feliz [...]”.

É uma diferença aqui entre o conceito de alegria e de suma alegria, a felicidade. Alegria como passagem de uma realidade menor para uma realidade maior e a felicidade como realização máxima.

Segundo Teixeira: “Na *Ética*, a felicidade aparece como sinônimo para a maior satisfação da mente que pode existir, da maior alegria possível e de uma beatitude que consiste na mente estar dotada de sua própria perfeição, porque a felicidade é a realização perfeita do *conatus*.”

Na Proposição 42 da parte V da *Ética* (E5P42) vemos que:

A felicidade consiste no amor a Deus. Amor que certamente se origina do terceiro gênero de conhecimento, e, portanto, esse Amor deve ser referido à Mente enquanto ela age; por isso, ele é a própria virtude, o que era primeiro. Em seguida, quanto mais a Mente goza deste Amor divino ou felicidade, tanto mais entende, tanto maior potência tem sobre os afetos, e tanto menos padece dos afetos que são maus. E assim, porque a Mente goza deste Amor divino ou felicidade, ela tem o poder de coibir a lascívia. E como a potência humana para coibir os afetos consiste no só intelecto, logo ninguém goza da felicidade porque coibiu os afetos, mas, ao contrário, o poder de coibir a lascívia origina-se da própria felicidade.

A felicidade é o extremo da alegria quando um conhecimento claro e distinto de nossa essência e das coisas. Assim, não é recompensa nem estado passivo, mas expressão ativa da mente enquanto age e comprehende, coincidindo com a própria virtude. Quanto mais a mente entende, mais livre ela se torna das paixões tristes, por fortalecimento de sua potência de existir.

ALEGRIA E APRENDIZAGEM PARA ESPINOSA E VYGOTSKY

A alegria é fundamental tanto na filosofia de Spinoza quanto na teoria de Vygotsky para a aprendizagem e o desenvolvimento. Para Spinoza, a alegria é um estado que aumenta a potência do indivíduo, tornando-o mais capaz de compreender e interagir com o mundo. Já para Vygotsky, a afetividade, incluindo a alegria, é crucial para o processo de aprendizagem, impulsionando o desenvolvimento cognitivo e a tomada de consciência. A alegria, para ambos os autores, constitui um fator ativo que impulsiona o aprendizado e o desenvolvimento humano. Faço abaixo uma comparação:

ESPINOSA E A ALEGRIA COMO POTÊNCIA:

- Para Spinoza, a alegria é um afeto que aumenta a potência do indivíduo, ou seja, sua capacidade de agir e compreender o mundo.
- A alegria é um estado de maior perfeição da mente, contrastando com a tristeza, que a leva a uma perfeição menor.
- A alegria é essencial para o desenvolvimento humano, pois aumenta nossa capacidade de pensar, agir e entender a realidade.
- Em sua filosofia, a alegria é o estado que acompanha o aumento do poder do ser, tornando-o mais forte e capaz de lidar com as dificuldades.

YGOTSKY E A AFETIVIDADE NO APRENDIZADO:

- Vygotsky destaca a importância da afetividade, incluindo a alegria, no processo de aprendizagem e desenvolvimento.
- A emoção é um elemento fundamental que acompanha a experiência humana e que influencia a forma como aprendemos e interagimos com o mundo.
- As emoções positivas, como a alegria, impulsionam o aprendizado e a tomada de consciência, tornando o processo mais eficaz.
- A alegria de aprender algo que faz sentido para o indivíduo é um fator importante para o desenvolvimento, pois aumenta a motivação e o interesse pela aprendizagem.

- Vygotsky, em sua teoria, destaca que a educação deve potencializar os afetos, incluindo a alegria, para ações transformadoras.

CONVERGÊNCIAS E APLICAÇÕES:

- A teoria de Vygotsky se alinha com a filosofia de Spinoza ao enfatizar a importância da afetividade e da experiência subjetiva no processo de aprendizagem.
- Na prática, a alegria pode ser cultivada na escola por meio de atividades que despertam o interesse e a curiosidade dos alunos, que promovem a interação e o trabalho em grupo, e que valorizam a experiência subjetiva de aprender.

A partir do diálogo entre Spinoza e Vygotsky pode inspirar a criação de ambientes de aprendizagem que sejam mais afetivos e que valorizem a alegria de aprender, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos.

VYGOTSKY E A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

A afetividade é fundamental para o desenvolvimento humano e a aprendizagem, influenciando a relação entre professor e aluno. Teóricos como Piaget, Wallon e Vygotsky destacaram a indissociabilidade entre cognição e afetividade no processo educativo. Vygotsky argumenta que a vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e que as reações emocionais influenciam o comportamento e a aprendizagem.

A afetividade é vista para o autor como uma função psicológica superior. A vida emocional está ligada a outros processos psicológicos. Pensamento e sentimento se interconectam, influenciando a vontade. A educação deve promover encontros que potencializem ações criativas e críticas, aumentando a potência de agir implica em maior consciência e felicidade na aprendizagem e promover encontros alegres para emancipar alunos e professores, tornando a escola um espaço de prazer e aprendizado.

A teoria histórico-cultural de Vygotsky, enfatizando a importância das interações sociais no desenvolvimento humano e na aprendizagem, entende a construção do conhecimento como um processo mediado por interações culturais e sociais, sendo influenciado por interações sociais e contextos históricos e culturais.

A construção do conhecimento ocorre através da mediação social, por meio da qual a aprendizagem se efetiva. A mediação docente é essencial para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Constitui um conceito central na teoria de Vygotsky, que descreve como as interações sociais e os instrumentos culturais facilitam a aprendizagem. O professor desempenha um papel crucial na mediação entre o aluno e o conhecimento. A mediação é o processo que conecta o indivíduo ao mundo através de instrumentos e signos.

O CONCEITO DE VIVÊNCIA EM VYGOTSKY

A vivência é uma categoria central na psicologia sócio-histórica, que explica como experiências se transformam em consciência e afetam a relação do indivíduo com o mundo. A vivência envolve tanto aspectos racionais quanto afetivos.

- A vivência é a unidade dinâmica da consciência.
- A vivência permite a compreensão dos afetos e a atribuição de sentido às experiências.
- A vivência é influenciada pela situação social e pelas especificidades do indivíduo.

“Vivência” (*perejivânie*) é uma experiência emocional significativa, distinta de mera experiência. Vygotski utiliza o conceito para explicar a relação entre consciência e meio social no desenvolvimento infantil. A vivência é uma unidade de análise que integra aspectos emocionais e cognitivos. Vivência e afetação são mediadores do desenvolvimento da consciência em atividades de ensino.

Vygotsky propõe que a vivência é uma unidade indissolúvel de elementos internos e externos ao sujeito, refletindo um caráter monista. Essa vivência é composta por um interjogo entre aspectos internos e externos, que se influenciam mutuamente. A vivência é um interjogo entre aspectos internos e externos. Os processos psíquicos são formados por sentidos subjetivos no espaço de vida. A psique e o comportamento são interdependentes e formam uma unidade. Vygotsky critica a dicotomia entre cognição e emoção, propondo que ambas estão interligadas e são essenciais para a vida emocional e o desenvolvimento da consciência.

A ALEGRIA E A RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

Nesta parte da nossa reflexão, vamos tentar compreender a relação entre a Alegria e a relação com a aprendizagem a partir da perspectiva Espinosana da Alegria e de Vygotsky como ponto de referência da compreensão histórica-social do desenvolvimento.

Segundo Oliveira (2019), Espinosa nos aponta a educação para o desenvolvimento inteiro:

No capítulo 27, um pouco mais adiante, Espinosa reafirma que a utilidade das coisas exteriores ao ser humano se aplica, sobretudo, para a conservação do corpo; as coisas mais úteis para a manutenção da vida corporal são tiradas daí que pode “alentar e nutrir o corpo para que todas as suas partes consigam cumprir corretamente suas funções”. Ao nutrir por igual todas as partes do corpo, continuamente, o ser humano estará apto a ser afetado por outros corpos e a afetar também outros corpos de múltiplas maneiras; consequentemente, tanto mais apta sua mente será para pensar. Portanto, conclui o filósofo, é preciso nutrir o corpo com “muitos alimentos de natureza diversa”, de tal maneira que ele tenha todas as suas muitíssimas partes igualmente satisfeitas, bem como uma mente igualmente apta a conceber muitas coisas.

Uma educação libertária que produza encontros e que o professor é um “legítimo mediador”, onde ajuda a cooperação mútua, que conecte os educandos entre si e ao processo no processo do conhecimento motivados pela liberdade de conhecer. A liberdade no processo do aprender, de forma que a educação seja um organizador dos nexos afetivos para a permanência do aumento da potência do corpo e da mente, favorecendo o processo de aprendizagem.

Essa formação de nexos decorre do papel importante do professor como o legítimo mediador no processo de aprendizagem quando leva os alunos a interagirem com o social, nas trocas e na busca de uma compreensão das coisas de forma ampla, a partir da compreensão do contexto, portanto, além do conteudista. Vygotsky acentua o papel do professor enquanto mediador do processo do conhecimento e dos processos de aprendizagem. Para Vygotsky, o professor, como figura de mediador, em situações de aprendizagem, também motiva o aluno para a construção do seu ser. Podemos dizer também

para a sua liberdade e para a conexão com as ideias mediante o alcance de um conhecimento mais amplo: uma educação libertária, no mesmo sentido Espinosista, citado por Oliveira.

Sendo a Alegria, uma passagem de uma realidade menor para uma realidade maior, essa educação libertária, que envolve os indivíduos no processo do aprender de forma ativa, produz alegria, na medida em que potencializa o ser, aumenta a noção de si, a identidade, a capacidade de acreditar em si e superar a situação do não ter aprendido algo para continuar tentando acertar, seja o problema de matemática, seja a palavra que ainda não consegue escrever corretamente. Assim, a potência de agir é influenciada pela capacidade de afetar e ser afetado, essencial para o processo educativo. Encontros alegres na sala de aula aumentam a potência de agir de alunos e professores, promovendo aprendizagens significativas.

O papel do professor, além de mediador posto por Vygotsky, poderá também se realizar como mediador da conexão dos nexos causais afetivos no processo de aprendizagem. Isto seria a proposição de um diálogo que a motivasse a pensar sobre a própria alegria ou a própria tristeza, quando sentidas. A alegria, como sendo o afeto que aumentamos a existência, a tristeza como o afeto que diminuímos a nossa existência.

O professor atua como mediador no processo de aprendizagem, influenciando os alunos por meio de suas atitudes e sentimentos. A maneira como o professor se comporta e se comunica afeta diretamente a motivação e o desempenho dos alunos.

A aprendizagem dos nexos afetivos causais proporcionada pelo professor como mediador será mediante a ação de promover a reflexão no aprendiz de forma que se compreenda que a alegria consiste em alcançar o aprendizado ou a boa nota pelo reconhecimento no sujeito como um ser capaz de pensar e agir ou no crédito da própria capacidade da mesma ter alcançado um objetivo. Assim, o estudante será levado ao costume de pensar, de refletir, desde a tenra infância, a depositar ou a procurar a alegria não em algo externo a ela, mas no que ela é como potência de vida e de existência. Assim, como a mediação da compreensão acerca

da tristeza sentida. Mediар um processo de compreender a tristeza, é permitir ao estudante vivenciar esse afeto, sem censurá-lo em negá-lo, mas ajudá-lo a compreender as saídas da sua tristeza, a potencializá-lo para isso, sendo mediador da compreensão da sua capacidade de conexão ou reconexão dos afetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findo aqui este texto usando a expressão de Oliveira (2014), levantando a bandeira Espinosana da educação libertária. Somando também a perspectiva da aprendizagem mediada nos ensinada por Vygotsky.

A educação para liberdade se constitui também quando nos propomos como ajudantes nesta organização dos nexos afetivos para a permanência do aumento da potência do corpo e da mente. De fato, este exercício do pensar sobre os nossos afetos e se somos causa adequada ou não no incessante trânsito das afecções em nós, da passagem contínua dos afetos ativos e passivos (que a cada momento vivenciamos como ser por toda a duração da nossa potência de existir) é um exercício contínuo por toda a nossa existência.

É o que vai nos levar a um estado de tristeza ou de alegria ou de suma alegria. Esta, possivelmente quando, um dia, tenhamos a felicidade como estado de compreensão máxima do que nos ocorre, no corpo, mente e todas as afecções em nós.



REFERÊNCIAS

ESPINOSA, Baruch de. **Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar.**

2. ed. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ESPINOSA, Baruch de. **Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar.**

Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

OLIVEIRA, F. B. Espinosa revolucionário.

Cadernos Espinosanos (USP), São Paulo, v. 1, p. 192-202, 2014.

OLIVEIRA, F. B. Marilena Chaui e o debate sobre ideologia e educação no Brasil. **Cadernos Espinosanos** (USP), São Paulo, v. 36, p. 199-218, 2017.

OLIVEIRA, Fernando. B. O. O espinosismo é uma forma de educação libertária? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, 2019, p. 1-17.

PAULA, Marcos Ferreira de. **Alegria e Felicidade: A presença do Processo Liberador em Espinoza.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

PAULA, Marcos Ferreira de. Quando Marilena Chaui encontrou o Deus de Espinosa. **Cadernos Espinosanos** (USP), São Paulo, v. 36, p. 157-164, 2017.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Edição bilíngue latim-português. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

